

Cartas Americanas: romance, idéias e fatos nos anos de 1807 e 1808

Simone Cristina Mendonça de Souzaⁱ (Unicamp)

Resumo:

A trágica história de amor de Plácido e Emília, contada nas Cartas Americanas é entremeada de reflexões sobre variados temas e de narrações de fatos históricos. A partida de D. João rumo ao Brasil e a invasão das tropas francesas em Lisboa são narradas em cartas trocadas entre as personagens, como se tivessem acabado de acontecer. De fato, a primeira publicação da obra data de 1809. O autor, Teodoro José Biancardi, tomou o cuidado de informar as fontes consultadas, como Gazetas e documentos relativos à legislação, em notas de rodapé, comprovando suas palavras e conferindo um ar de veracidade à história e às personagens que criou. O romance epistolar circulou em Portugal e no Brasil nos primeiros anos do século XIX e deve ter agradado os leitores, pois contou com uma segunda edição portuguesa em 1820.

Palavras-chave: romance, circulação de livros, D. João, história.

1 Cartas Americanas: Impressão e circulação

O romance epistolar *Cartas Americanas* foi escrito por Theodoro José Biancardi e publicado pela primeira vez, em 1809ⁱⁱ, pela Impressão Régia de Lisboaⁱⁱⁱ. A primeira impressão do romance foi feita às custas do próprio autor, que pagou 87\$800 réis por 1.000 exemplares da obra^{iv}. Era prática comum na casa impressora oficial lisboeta a impressão de materiais diversos, feita a partir de pedidos de editores, livreiros, autores, tradutores, ou outras pessoa interessadas em dar à estampa livros e periódicos. E, nesse sistema, a Impressão Régia de Lisboa já vinha publicando livros em prosa de ficção, pelo menos, desde 1800^v.

Um ano após a primeira edição, *Cartas Americanas* já era anunciado na América portuguesa, ressaltando-se a qualidade do texto e aspectos do enredo. Transcrevemos abaixo um anúncio do romance, provavelmente de responsabilidade do livreiro Paulo Martin Filho:

Na loja da Gazeta se achão as seguintes obras: *Cartas Americanas*, nas quaes por meio de huma Novella muito bem escrita se descrevem os usos e costumes de Lisboa, assim como huma narração desde a sahida de S.A.R. para o Brazil até o presente, do acontecido na sobredita Capital, por 960 réis. [...]. (*Gazeta do Rio de Janeiro*, 14 de Julho de 1810)

Os livreiros interessados em vender *Cartas Americanas* em Portugal, além dos comentários sobre o enredo, acrescentaram algumas informações, compondo uma espécie de micro-crítica. Mais elaborado e com indicações bibliográficas, o discurso dos mesmos fazia referência a um outro romance, *Cartas Persas* (*Lettres persanes*, 1721), de Charles de Montesquieu, que teria sido tomado como modelo por Theodoro José Biancardi para a confecção de seu romance. De acordo com o anúncio, o público consumidor alvo certamente já teria lido a obra francesa, ou uma tradução, e compreenderia a comparação e o fio condutor da narrativa.

Sahio á luz huma Obra intitulada, *Cartas Americanas* publicadas por Theodoro Jose Biancardi. O Author tomando Montesquieu por modelo servio-se da fórma de Romance para ter hum fio, com que prendesse os differentes assumptos que se propunha escrever, e que são entre outros, luxo, escravidão, modas, educação das mulheres, Theatros, jogo, demandas, influencia das Artes e Sciencias nos costumes

dos povos, e por ultimo o Governo e Administração dos Francezes em Portugal. Vende-se por 400 réis na loja da Impressão Regia, ao Terreiro do Paço; na da Gazeta; da de Carvalho, aos Martyres, e na de Francisco Luiz Leal, em Alcantara. (*Gazeta de Lisboa*, 28 de Abril de 1809)

De fato, o próprio autor declarou seguir o “exemplo de Montesquieu” num texto que prefacia o romance:

Seguindo o exemplo do célebre Montesquieu, intitulei *Americanas* as Cartas que publico; e ajuntei-lhe notas, por que me pareceo indispensável em alguns lugares illustrar o texto, e em outros apontar os escriptos, donde se extrahirão factos e provas. Ceve-se a mordacidade dos Críticos no estilo, nos sentimentos, e nas idéas; não escrevem os Authores para contentar a todos, mas aos bons: e só destes amo os louvores, e os reparos. (BIANCARDI, 1820, Prefácio)

No mesmo prefácio, Theodoro José Biancardi noticia a presença de notas de rodapé ao longo do texto, nas quais localiza os livros que utilizou nas discussões sobre filosofia e política^{vi}; informa significados de alguns vocábulos; relembra ou comenta fatos históricos, validados por fontes como livros, jornais e documentos relativos à legislação. Os fatos históricos, sobretudo os justificados nas notas, a partir de *Gazetas*, Decretos, etc., conferem ao romance certo ar de veracidade, possivelmente dado de forma intencional pelo autor, uma vez que era prática comum no período os autores apresentarem seus textos como histórias verdadeiras, a fim de conquistarem a confiança e o apreço do leitor.

E os leitores que Biancardi deseja conquistar, declaradamente não são os leitores especializados, os “Críticos”, mas os leitores comuns, no prefácio adjetivados como “bons”, dos quais espera os “louvores” e os “reparos”, assumindo, assim, a condição humana de seu discurso, passível de erros, e colocando-se submisso às eventuais correções.

Theodoro José Biancardi, nascido em 1777, exerceu cargos importantes para o governo português, trabalhando como Oficial Maior da Secretaria dos Negócios do Império e Oficial Maior da Secretaria da Câmara dos Deputados. Por volta de 1816, viajou para a Cidade do Rio de Janeiro e permaneceu no Brasil até 1849, quando voltou a Lisboa. Segundo Innocência Francisco da Silva, o retorno à cidade natal foi curto e, poucos anos depois, o Oficial regressava ao Brasil, onde faleceu^{vii}.

Autor de grande produtividade, Theodoro publicou outro romance, *Eduardo e Lucinda, ou a portuguesa infiel*^{viii} e, ainda, obras de vários gêneros, como *Sucessos do Alentejo*, 1808; *A voz da América*, 1810; e *Reflexões sobre alguns sucessos do Brasil*, 1821^{ix}. Theodoro José Biancardi era também o redator dos periódicos *Telegrafo Português* e *Semanario Lusitano*^x.

As *Cartas Americanas* também foram oferecidas no *Diário do Rio de Janeiro*:

As reflexões sobre alguns sucessos do Brasil, acrescentadas com o Officio dirigido a S.A.R. pelo Governo Provisório da província de S. Paulo em data de 24 de Dezembro de 1821 por Theodoro Joze Biancardi continuão a vender na Loja de Paulo Martin rua da Quitanda N. 33 por 320 réis, assim como as *Cartas Americanas* do mesmo Author por 6\$000. Consideração sobre a integridade da Monarquia Portuguesa divididas em 3 capítulos a saber: dos Independentes do Brasil, dos Anti-Constitucionaes de Portugal e do Brasil considerado Independente por 480. (*Diário do Rio de Janeiro*, 10 de Janeiro de 1822)

O dicionário de Innocência Francisco da Silva, ao listar as obras atribuídas a Theodoro José Biancardi, comenta a edição brasileira do primeiro livro do anúncio acima, *Reflexões Sobre Alguns Sucessos do Brasil*, com publicação datada de 1821. Na mesma lista, apresenta as *Cartas Americanas*, descrevendo seu enredo e comentando dados possíveis de seu histórico editorial:

É um pequeno romance moral em cinquenta e quatro cartas que o auctor declara haver intitulado assim seguindo o exemplo de Montesquieu nas *Lettres Persanes*. Parte d'estas cartas, que figuram escriptas de Lisboa e datadas de Dezembro de 1807 a Novembro de 1808, têm por assumpto os sucessos do tempo, e contêm a brevíssima narrativa de factos passados no período da invasão franceza e restauração subsequente, com algumas reflexões adequadas. Creio ter ouvido dizer que o auctor o reimprimiu depois no Brasil.^{xi}

Possivelmente com base nestes textos transcritos, Rubens Borba de Moraes indicou o romance como uma das publicações da Imprensa Régia do Rio de Janeiro^{xii}, embora no anúncio consultado não houvesse indícios sobre a casa impressora e o local de publicação de *Cartas Americanas*, que se “continuão a vender”. Além disso, Innocêncio mencionou a possibilidade de haver uma edição da obra feita no Rio de Janeiro, mas advertiu: “Creio ter ouvido dizer...”, indicando incerteza na afirmação.

Temos certeza das impressões feitas em 1809 e, em 1820, pela Imprensa de Alcobia^{xiii}, porém não encontramos nenhum exemplar cujo frontispício nos confirmasse a existência de uma impressão feita no Rio de Janeiro^{xiv}.

2 Ficção e história: enredo e relatos reais

O enredo desse romance epistolar trata do envolvimento amoroso entre Plácido e Emília, no período em que as tropas francesas invadiram a capital portuguesa. Plácido, enviado a Lisboa por ordem de seu pai, que intentava separá-lo de Emília, se correspondia com a namorada que o esperava no Brasil e com os amigos Venâncio e Leandro. Nas cartas, Plácido dissertava sobre política, história, filosofia, entre outros assuntos e noticiava o que ocorria em Lisboa nos anos de 1807 e 1808, como a partida de D. João para a América portuguesa e as futuras conseqüências para o povo português. O protagonista comentava as resoluções políticas e as notícias da imprensa, transcrevendo alguns trechos e parafraseando-os ironicamente.

Plácido foi informado de que teria uma oportunidade de ver a namorada, uma vez que o pai dela planejava uma viagem a Portugal. Assim, não quis tentar embarcar na comitiva do Príncipe Regente para o Brasil, temendo o desencontro com a esperada Emília, que, como já avisara Leandro, estaria brevemente em Lisboa. No final da história, Plácido recebeu a notícia de que Emília havia falecido e se suicidou, incriminando o pai por sua morte.

A partida de D. João e de sua Corte foi tratada nas cartas enviadas por Plácido a seu amigo Venâncio, que se encontrava no Brasil, a partir da carta XLI, de Dezembro de 1807. A narração dos acontecimentos históricos, como a invasão das tropas francesas e os atos do General Junot, reprovados pelo protagonista, prosseguem até a Carta LI, de Novembro de 1808. Como havia a possibilidade de Plácido ir para o Brasil rever o amigo e a namorada Emília, e como houve mudanças nos planos e Plácido decidiu ficar, esperando a amada que iria para Portugal, ficção e história se misturam nas cartas:

Não parti para o Brazil, como talvez supões. Receei que ao tempo de chegar á pátria já tivesse embarcado a minha querida Emília. (...) No dia 27, das onze horas para o meio dia, embarcou no caes de Belém o Príncipe, e a Família Real em quanto o povo apinhado nos montes vizinhos do rio, e da ramada pela beira d'elle, se entreteinha [ileg.] com a partida das diferentes familias que se despedião, com lagrimas, dos amigos e parentes que deixavão. (BANCARDI, 1820. p. 128)

Ao descrever a partida, Plácido vai citando nomes de personagens verídicos da história portuguesa, como os que acompanharam o Príncipe Regente: “Forão tambem D. Rodrigo de Souza

Coutinho; D. João d'Almeida de Mello e Castro; e Antonio de Araújo de Azevedo" (BANCARDI, 1820. p. 128).

O relato das condições em que ficaram os habitantes e a cidade de Lisboa é comprovado por transcrições ou paráfrases das notícias impressas na *Gazeta de Lisboa*, como na nota seguinte:

Nota-se em duas Gazetas do mez de Abril [1808] uma contradicção, que mostra bem quanto erão superficiaes os engenhos, que nos governavão. No dia 16 para que se formasse alta idéia da Policia, asseverou o Intendente que em Lisboa nem se ouvia fallar em delictos triviaes; e no dia 19 disse o General que tendo se multiplicado infinitamente os roubos tanto em Lisboa, como em todo o Portugal, ordenava que o Tribunal Especial (creado por Decreto de 8 do mesmo mez) conhecesse provisoriamente do crime de roubo. (BANCARDI, 1820. p. 165)

Já as cartas informativas sobre decisões políticas e legislação contam com notas de rodapé, nas quais a fonte da informação é citada:

Conquistando o Reino por manhas, e não por armas, seguia-se sustentar pelos mesmos meios a injusta aquisição; e o novo Governador, rígido observante do systema adoptado, já principiou (I), licenciando as Milícias, e recolhendo as armas, a diminuir os recursos de que poderíamos aproveitarnos, mostrando assim que mais confia na nossa fraqueza do que no seu valor. [em nota: (I) Por Decreto de 15 de Fevereiro de 1808. Por outro se tornou a Prohibir o uso das armas de fogo.] (BANCARDI, 1820. p. 154)

Teodoro José Bancardi narra fatos reais, mesclando a história com as personagens fictícias que criou. O texto é verossímil e o autor criou uma atmosfera de verdade que poderia atrair o leitor do início do século XIX, levando-o até mesmo a acreditar que lia uma narrativa verdadeira, acontecida com seus patrícios ou moradores de sua cidade, já que as personagens estão tanto no Brasil como em Portugal. Além dos fatos reais, vale a pena lembrar que o romance é epistolar. As cartas trocadas exigem menor formalidade na linguagem, apontam uma intimidade entre os correspondentes e podem colaborar com a construção das personagens, revelando opiniões, planos secretos e sentimentos. Assim, o fato de se tratar de um romance epistolar, já poderia conferir à obra uma idéia de verdade.

Outros romances epistolares circulavam em Portugal e na América portuguesa no mesmo período, como *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*, o qual conta a história do casal Adelaida e Durval. Porém, nesse caso, o autor optou por declarar sua história verdadeira logo no prefácio:

A Novella que offereço, não he huma Novella: he huma historia verdadeira. (...) Durval escreveo a sua historia, e pôz em ordem as cartas que a compunhão; enchendo o intervallo com huma exposição historica, que enlaçava ainda mais os acontecimentos, e as cartas. Tive por conveniente apartar tudo o que escrevêra, por achallo repetido nellas, não servindo senão para debilitar a intriga, e o interesse, e pela mesma razão dou as cartas sós; porque me sinto mais particularmente inclinado a este methodo de escrever, que, como disse, me parece mais vivo, mais variado, e mais capaz por consequente de fazer huma impressão sensível^{xv}.

O mesmo havia feito Samuel Richardson, declarando-se depositário de um conjunto de cartas verdadeiras que apenas editou para publicação^{xvi}. A apresentação da narrativa como uma história real era prática comum entre os romancistas desde o século XVIII e teve início como forma de proteção quanto às críticas feitas ao gênero romance. O caráter ficcional dos romances foi alvo de críticas, pois considerava-se o perigo de que o texto de ficção corrompesse os relatos históricos^{xvii}. Apesar de informar o intuito de contar uma história real no prefácio ser uma prática comum entre os

romancistas, Teodoro José Biancardi nada falou a respeito no texto que prefacia seu romance, reproduzido anteriormente.

Conclusão

O romance *Cartas americanas*, publicado pela primeira vez em 1809, conta uma história fictícia entremeada de fatos ocorridos nos anos de 1807 e 1809, que fazem parte da História de Portugal e do Brasil, dentre os quais destacamos a vinda de D. João e da Família Real para a colônia. É possível levantarmos a hipótese de que o autor, Teodoro José Biancardi, intentasse que seus leitores acreditassem na veracidade do enredo de seu romance, se levarmos em conta os artifícios utilizados para tal: mistura de nomes de personagens fictícios com os de personagens reais da história de Portugal; reprodução de trechos relativos à legislação e de discursos que circulavam na imprensa periódica; e citação das fontes consultadas.

No entanto, Biancardi não nos informa essa intenção no prefácio, como era de se esperar, tendo em vista que outros autores da época escreviam prefácios destinados a atribuir veracidade a seus romances epistolares. O autor preferiu filiar-se a uma outra linha de escritos epistolares, que tinham função de tratar da história política e social, criticando costumes, leis, formas de governo, etc., já que, no mencionado prefácio, explicitou aos leitores que seu livro "seguí[a] o exemplo" das *Cartas Persas (Lettres persanes, 1721)*, de Charles de Montesquieu. Esse o tema, porém, não é contemplado pelo tipo análise que me proponho a fazer do romance em questão, sendo da alçada de outros pesquisadores.

Referências Bibliográficas:

- [1] ABREU, Márcia. *Os caminhos dos Livros*. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.
- [2] _____. "Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas". *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n° 21, 199-222, 2005.
- [3] BIANCARDI, Theodoro José. *Cartas Americanas*. Lisboa: Impressão de Alcobia, 1820.
- [4] CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*. Typographia Nacional, 1881. (reeditado no periódico) Cadernos do Centro de pesquisas Literárias da PUCRS, Porto Alegre, Vol. 4 (3), 1998.
- [5] CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Impressão Régia*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993, 2. Vol.
- [6] CAMPOS, Fernanda Maria & LEME, Margarida Ortigão Ramos Paes. "Percursos do Poder e do saber nos finais do século XVIII: o papel da Impressão Régia e da Casa Literária do Arco do Cego", in *ANAIIS Série História. Actas do Colóquio "A Casa Literária do Arco do Cego" vol. VII/VIII*. Lisboa: Ed. da Universidade Autónoma, 2002.
- [7] CANAVARRO, Pedro. (org). *Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora*. Vol. I 1768-1800. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975.
- [8] *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1822). Microfilme. MEC – SEAC plano nacional de microfilmagem de periódicos Brasileiros – Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp).
- [9] FARINHA, Ramiro. *Imprensa Nacional de Lisboa: Sinopse da sua historia*. Edição comemorativa do II Centenário. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1969.
- [10] *Gazeta de Lisboa* (1808-1821). Microfilme. Biblioteca Nacional de Lisboa.

- [11] *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822). Microfilme. MEC - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Brasil – Serviço de Reprografia. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp).
- [12] MARTINS, João Paulo. “*Cartas Americanas: romance e idéias políticas na Ilustração portuguesa*” in ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2008.
- [13] MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado. Unicamp/IFCH, Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- [14] MORAIS, Christianni Cardoso. “Posse e circulação de romances: a novela Eduardo e Lucinda, ou a portuguesa infiel na vila oitocentista de São João d’El Rei, Minas Gerais”. In ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2008.
- [15] Portugal - Imprensa nacional Casa da Moeda. *Registo de obras impressas, liv.º 08*, Fundo: 0030 IN, Seção: 2.2.13.1 481, Série: Contabilidade, ano: 1808-1810, Est.: 9A, Cf.º: A, N.º: 30.
- [16] RIBEIRO, José Vitorino. *Imprensa Nacional de Lisboa: subsídios para sua história*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1912.
- [17] SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliográfico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.
- [18] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo, SP: Com. Ed. Nacional, 1977.
- [19] _____. “Livro e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)” in Revista de História, Vol. XLVI (94), 441-457, 1973.
- [20] VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- [21] VILLALTA, Luiz Carlos. “A censura, a circulação e a posse de romances na América portuguesa (1722-1822)” in ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005.
- [22] _____. “A história do livro e da leitura no Brasil colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance”. *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n° 21, 165-185, 2005.

ⁱ Simone Cristina Mendonça de SOUZA, Doutora em Teoria e História Literária. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) simonems@hotmail.com

ⁱⁱ Há um exemplar da edição de 1809, arquivado na Biblioteca Nacional de Lisboa, cota: L 8703 P. No Brasil, esta edição pode ser encontrada no Acervo pessoal de José Mindlin. Uma versão digitalizada está disponível no *site* do projeto temático “Caminhos do romance no Brasil – séc. XVIII-XIX”, no endereço eletrônico: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Além de uma biblioteca digital de romances, esse *site* conta com um banco de ensaios e teses de autoria dos integrantes do projeto, entre os quais me incluo.

ⁱⁱⁱ A Impressão Régia de Lisboa foi criada em 1768, seguindo uma tendência de importantes avanços na produção editorial portuguesa, tais como a abertura da oficina de gravura de João Villeneuve, em 1732, e a assinatura do decreto de autorização de admissão de tipo e material gráfico livre de direitos. Fundada sob as ordens do rei D. José, a Impressão Régia de Lisboa fazia parte de um contexto reformista, em que também foram criados o Erário Régio (1760), a Junta do Comércio (1756), a Real Mesa Censória (1768) e a Junta de Providência Literária (1772).

^{iv} Cf. *Registo de Obras Impressas* liv.º 8 (1808-1810). Fundo 030 IN, Seção 2.2.13.1, Livro 481, Série contabilidade. f. 42. Os livros de *Registo de Obras impressas* estão conservados no Arquivo da Imprensa Nacional Casa da Moeda de Lisboa, no prédio da Casa da Moeda. Como a entrada na Casa da Moeda é restrita, devo meus sinceros agradecimentos à Dra. Margarida Ortigão Ramos, que me permitiu consultá-los.

^v Para informações acerca das impressões de livros em prosa de ficção feitas pela Impressão Régia de Lisboa, a partir de pedidos, ver texto de minha autoria: “Alguém quer imprimir romances? Considerações sobre os pedidos de publicação

feitos à Imprensa Régia de Lisboa”. in *Anais do XII SETA - Seminário de Teses em Andamento*, 2006, Campinas. Disponível em:

[<http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewarticle.php?id=53&layout=abstract>].

^{vi} Uma análise muito bem cuidada desse romance, pelo viés das idéias políticas, foi feita por João Paulo Martins e publicada em: MARTINS, João Paulo. “Cartas Americanas: romance e idéias políticas na Ilustração portuguesa” in ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2008. (no prelo)

^{vii} Cf. SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. Vol. 7, p. 308.

^{viii} Esse romance foi objeto de estudo de Christianni Cardoso Moraes no texto: MORAIS, Christianni Cardoso. “Posse e circulação de romances: a novela *Eduardo e Lucinda, ou a portuguesa infiel* na vila oitocentista de São João d’El Rei, Minas Gerais” in ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2008. (no prelo)

^{ix} Cf. MARTINS, João Paulo., 2008. *Op. cit.*

^x Cf. *Registo de Obras impressas*. liv.º7 (1807). Fundo 030 IN, Seção 2.2.13.1, Livro 480, Série contabilidade. f. 57. [O custo da impressão do número 8 do *Semanário Lusitano* foi de 6\$400, pagos por Theodoro José Biancardi].

^{xi} SILVA, Innocencio Francisco da. *Op. cit.* Vol 7, p. 309.

^{xii} CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993. pp. 342-3.

^{xiii} Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Obras Raras: 79, 1, 20.

^{xiv} Sobre os romances publicados na Imprensa Régia do Rio de Janeiro, incluindo problemas de delimitação dos títulos que efetivamente saíram à luz por essa casa, ver tese de minha autoria, escrita sob a orientação de Márcia Abreu e com o apoio da Fapesp: SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp. Campinas, SP: [s.n], 2007.

^{xv} *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1811. Tomo I, Prólogo, p. 3.

^{xvi} Cf. VASCONCELLOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial. pp. 92-5.

^{xvii} Sobre detratores e defensores do gênero romance e os discursos por eles utilizados, ver ABREU, Márcia. *Os caminhos dos Livros*. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.